

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL**

A AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM

DAVIANNE LEANDRO DE QUEIROZ

ANÁPOLIS
2014

DAVIANNE LEANDRO DE QUEIROZ

A AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional sob orientação da Prof^a. Esp. Ana Maria Vieira.

ANÁPOLIS

2014

DAVIANNE LEANDRO DE QUEIROZ

A AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para obtenção do título de Especialista.

Anápolis-GO, 12 de maio de 2014.

APROVADA EM: _____/_____/_____ NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Esp. Ana Maria Vieira de Souza
Orientadora

Prof.^a Me. Márcia Sumire Kurogi
Convidado(a)

Prof.^a Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel
Convidado(a)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que me forneceram suporte emocional, intelectual e tecnológico para a conclusão do mesmo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus mestres por todo conhecimento transmitido e pelo encorajamento na busca pelo saber.

O que falta no mundo é amor.

Marilyn Monroe

RESUMO

Por meio deste trabalho, buscou-se a compreensão do processo cognitivo através da ótica psicopedagógica clínica. Uma vez que o processo implica diretamente no sujeito, o alvo então torna-se aqui não só o meio que o cerca, mas sim o conjunto formativo do ser. Sendo assim, o diagnóstico psicopedagógico compõe parte fundamental deste registro, partindo do princípio apresentado na queixa, que surge como impedimento à aprendizagem do sujeito. Por esta razão, todo o processo se volta para a recolocação do aprendente em seu equilíbrio natural, permitindo assim que a não aprendizagem seja interrompida e trazendo este ser para um papel que o permite ser autor de seu próprio conhecimento. O psicopedagogo aparece neste processo como norteador do caminho a ser seguido, um referencial que trará nova significância ao ser cognoscente.

Palavras-chave: Aprendizagem. Diagnóstico. Queixa

ABSTRACT

Through this study, what was studied was the cognitive process through clinical psychoeducational perspective. Once, the process gives the subject the target then becomes here not only through the fence, but the formative whole being. So, the psycho-pedagogical diagnosis comprises a fundamental part of this record, assuming presented in the complaint, which appears as an impediment to learning the subject. For this reason, the process turns to replacement of the learner in its natural balance, thereby allowing the learning is not interrupted and making this as a role that allows you to author your own knowledge. The psychopedagogists appears in this process as a guiding path to be followed, a reference that will bring new significance to be cognizant.

KEY WORDS: Claim. Diagnostic. Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 PSICOPEDAGOGIA	11
2 DIAGNÓSTICO	13
2.1 OBSERVAÇÃO ESCOLAR	14
2.2 QUEIXA.....	15
2.3 ANAMNESE	16
2.4 ENTREVISTA COM O CLIENTE.....	18
2.5 E.O.C.A.	20
2.6 PROVAS PROJETIVAS	22
2.7 PROVAS PEDAGÓGICAS	23
2.8 PROVAS OPERATÓRIAS.....	24
2.9 SESSÃO LÚDICA CENTRADA NA APRENDIZAGEM	25
3 INFORME PSICOPEDAGÓGICO	27
4 ENCAMINHAMENTO	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31
ANEXOS	32

INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui se segue, busca trazer à luz de todos os interessados, um estudo de caso. E se dedica à psicopedagogia como ciência norteadora deste processo.

Ciência esta que segundo Bossa (1994) surge como uma resposta à inegável crescente de dificuldades durante o processo de aprendizagem, levando em consideração os inúmeros fatores que envolvem a prática educacional. vem se apresentar ao profissional dedicado ao estudo da aprendizagem como uma ferramenta fundamental para a construção e entendimento do saber.

O que precisa ser esclarecido, é o que Bossa (1994) afirma, ao explicar que a psicopedagogia não é uma psicologia escolar ou educacional, mas sim, um encontro interdisciplinar entre as ciências médicas, psicológicas e pedagógicas. Sendo assim, é possível a compreensão do alcance que a psicopedagogia ganha, uma vez que possui fronteiras estendidas. Onde é possível alcançar áreas antes delimitadas e de difícil compreensão quando analisadas isoladamente.

Goulart (1996, p. 34) traz o aspecto que envolve a aprendizagem como um despertar do desejo. E este sentimento é que traz ao aprendente a capacidade e a autonomia para adquirir o saber que o outro deseja lhe transmitir, entretanto, durante este processo de aquisição de conhecimento, diversos campos se envolvem, e o que se espera é que

Neste sentido, quando a criança entra na escola, supostamente ela já terá se defrontado com o Édipo e com a instauração da lei. Isto é o que lhe garante, de certo modo, uma segurança de não ser tomado pelo desejo materno e, ao mesmo tempo, delimita um espaço em que lhe é permitido desejar, ou seja, buscar aquilo que o corte operado pela função paterna produziu.

Por esta razão, a psicopedagogia se mostra útil ferramenta na intervenção que combate os problemas da aprendizagem. Então por compreender com clareza os embates psíquicos eminentes na vida de quem inicia ou já se encontra em idade escolar é que esta ciência passa a ser aliada e fonte de intervenções e diagnósticos que auxiliam quem necessita e capacita o profissional que tem o dever de intervir de modo eficaz.

Logo o desejo citado por Goulart (1996) se torna dois, o de quem ensina e o de quem passa a aprender. Mas o processo vai ainda mais além, ele se estende segundo Fernandez (1991) em organismo, inteligência e corpo.

O aprender é ligado de forma direta à fatores orgânicos, é preciso se informar sobre a integridade anatômica do cliente, como sono, alimentação e saúde de modo geral. Quando a dificuldade no aprendizado é detectado percebe-se então um sintoma, a queixa latente que será então o ponto de partida do profissional psicopedagógico.

Portanto, a psicopedagogia é abrangente e fonte de pesquisa e aperfeiçoamento para quem busca excelência no trabalho e relacionamento educacional.

1 PSICOPEDAGOGIA

A Psicopedagogia é uma prática beneficiadora para todos os que buscam encontrar maneiras de otimizar os processos de cognição, favorecendo o aprendizado e sanando deficiências instauradas e prevenindo futuras dificuldades cognitivas.

Segundo Bossa (1994) a Psicopedagogia surge como um auxílio aos estudiosos dos processos de cognição e acabam por unir então diversas ciências que facilitam a compreensão da aprendizagem, tornando-se assim, indispensável para o aprimoramento profissional e educacional de quem estuda e se compromete com o saber.

As dificuldades de aprendizagem que vão surgindo durante o processo cognitivo do sujeito, são alvo do que Weiss (2008) diz ser chamado fracasso escolar, a autora assim como Bossa (1994) afirma que a psicopedagogia se divide em duas frentes valiosas, a primeira é no aspecto clínico, onde a ciência toma caráter curativo, onde o problema da não aprendizagem já está instaurado e então é necessário a intervenção terapêutica, com o que Weiss (2008) nomeia de diagnóstico psicopedagógico. Mas a psicopedagogia também recebe o caráter preventivo, o qual nomeia-se de Psicopedagogia Institucional. Esta face busca um constante aperfeiçoamento da rotina e do ambiente institucional escolar, promovendo uma maior harmonia e consonância nos processos cotidianos e de aprendizagem do sujeito.

De toda maneira, a educação hoje conta com este adicional que permite maior clareza ao se tratar de assuntos relacionados ao campo do aprender. Uma vez que o profissional psicopedagogo é plenamente habilitado para atender, intervir, e encaminhar quando necessário à profissionais mais específicos.

Khan (2013) afirma que a escola precisa estar melhor conectada com a realidade vivida pelo aprendente, uma vez que ela precisa proporcionar a ele condições saudáveis e compatíveis com a sociedade para aprender a lidar com as novas tecnologias. Sobre tudo, se neste processo a dificuldade já estiver instaurada, deve-se buscar o apoio de um profissional devidamente preparado para este atendimento. Atendimento este que a princípio se daria pelo processo clínica, pois a queixa já está instaurada e logo após a intervenção seria institucional, com o objetivo de evitar novas rupturas na aprendizagem.

A (Associação Brasileira de Psicopedagogia), ABPp, é o órgão regulador da atividade no país, trazendo então um código de ética que rege e guia os profissionais habilitados.

Com isso, pode-se concluir que a psicopedagogia não pode ser praticada levemente, uma vez que existe um código para regê-la e já que é uma prática que tanto envolve o ser humano. Por esta razão, análises, diagnósticos e pesquisas, devem ser aplicadas apenas por estudiosos da área, não abrindo espaço para experiências levianas ou sequer sem embasamento teórico.

2 DIAGNÓSTICO

O diagnóstico psicopedagógico é o suporte necessário para compreender a queixa fornecida pela escola e principalmente para coletar dados e possibilitar para quem interessar, uma fonte de pesquisa e um processo curativo da deficiência instaurada. Entretanto podendo ser apenas executado por um profissional, devidamente licenciado e capacitado.

Weiss (2008), o diagnóstico se inicia assim que o primeiro contato acontece, e o acolhimento que o profissional oferece é fundamental para que exista confiança entre as partes a serem envolvidas no processo terapêutico.

2.1 OBSERVAÇÃO ESCOLAR

A escola onde o estágio aconteceu é dedicada principalmente ao processo de preparação para o vestibular, dando este enfoque a partir do primeiro ano da segunda fase do Ensino Fundamental. A instituição atende do sexto ano fundamental até o pré vestibular.

As aulas acontecem no período matutino, e o número de alunos em sala varia de 30 a 35 alunos por sala. Já no período vespertino, a instituição oferece um serviço conhecido como Plantão de Dúvidas, contudo o atendimento é mais especificamente direcionado ao Ensino Médio e pré vestibular.

O corpo administrativo da instituição conta com uma diretora, duas coordenadoras, três auxiliares, uma secretária, recepcionistas e uma responsável pelo financeiro. A maior parte dos professores são experientes e dão aula nas duas unidades do colégio existente na cidade.

O atendimento aos pais é sempre realizado pela diretora, que atende em uma sala de reuniões permitindo que o atendimento se realize de modo reservado. Entretanto ela não possui autoridade para tomar todas as decisões, sempre que necessário ela precisa se reportar aos proprietários da escola.

O pátio é pequeno e as salas são estreitas, a instituição possui banheiros masculinos e femininos para os estudantes e banheiros especiais para funcionários.

Então, é possível concluir que é neste espaço de convivência que o aprendizado acontece, trazendo o que Porto (2011) diz, toda variedade pertencente a este ambiente é o que forma o sujeito não só cognitiva mas socialmente.

2.2 QUEIXA

A aprendente foi encaminhada ao acompanhamento com a estagiária após breve análise das queixas apresentadas pelos professores, coordenadores e registros da escola anterior.

A queixa principal que moveu a aluna de encontro ao processo foi a desatenção e distração, uma vez que seu rendimento em sala e nas avaliações é oscilante.

2.3 ANAMNESE

A anamnese é uma entrevista realizadas com os responsáveis do aprendente, que trazem ao consultório informações extremamente relevantes para a construção do perfil do paciente. Segundo Weiss (2008), é nesta entrevista que valiosos dados são colhidos e levantados, informações subjetivas que revelam o núcleo familiar. Núcleo este que é responsável pela formação e referenciação do sujeito em análise.

A autora ainda elucida que apesar de se possuir muitos modelos de anamnese que podem ser utilizados, ainda existem alguns casos onde ela permite que as informações venham de modo espontâneo, contudo, a mesma salienta que apesar da espontaneidade ser permitida, os objetivos a serem alcançados durante este momento devem estar extremamente bem definidos para o profissional.

O ambiente familiar é o primeiro núcleo de aprendizagem para o sujeito epistêmico, que para Piaget (1978) significa o sujeito da ordem do saber, do conhecimento, da ordem cognitiva, sendo assim, este núcleo deve ser observado em conjunto com o sintoma apresentado no momento da queixa.

Ainda precisa-se esclarecer que não é neste primeiro momento que o contato direto com o cliente acontecerá, este momento inicial é um contato onde o profissional poderá mensurar o âmbito em que aquela família está inserida, para só então poder compreender seus hábitos, rotinas e tradições que tanto configuram referência ao aprendente com dificuldade.

Szymanski (2009, p.17) traz à luz de todos que a família é uma instituição que assume a tarefa educativa das crianças. Então pode-se concluir que a família é o sistema responsável pelo sujeito e tem a princípio, o principal papel educativo. Nesta trama, o psicopedagogo entrará como um mediador da primeira estrutura educacional com a segunda que é a instituição escola.

Por esta razão a anamnese se faz tão essencial, já que é a família é quem vai revelar a queixa levantada pela escola em conjunto com o seu parecer.

Durante a anamnese, apenas a mãe compareceu no horário combinado. A mesma informou que a gestação de M.E. foi tranquila e o nascimento foi através de cesárea, contudo a mãe enfatiza que sentiu muita dor e que segundo ela a criança “passou da hora”. A criança nasceu no Maranhão, estado no qual ela residiu por quatro anos. A responsável explicou que nunca morou junto do pai da menina e que

a mesma foi criada na maior parte do tempo pelos avós maternos, fazendo então um vínculo afetivo muito forte e significativo.

A mãe ainda conta que precisou deixar M.E. com os avós quando veio para Anápolis, ficando assim afastada da criança no período de seis meses. A mesma também exalta que as primeiras palavras vieram relacionadas aos avós e a ela.

Quando questionada sobre o desenvolvimento da criança a mãe diz que a avó e o avô de M.E. eram quem a incentivava mais, a responsável ainda aponta que a morte do avô, que faleceu recentemente, é um assunto que mobiliza a criança profundamente.

Atualmente a menina mora com a mãe, irmã mais nova, e o padrasto, como os dois responsáveis trabalham fora, a menina passa a assumir o papel de cuidadora da irmã mais nova que possui apenas um ano e oito meses.

Ao questionar a mãe sobre o rendimento escolar de M.E. a mesma se queixa das notas da menina e diz que ela não se sai melhor por preguiça. Ela ainda registra que as tarefas de casa são realizadas pela estudante no período da manhã, antes de ir para escola, horário este em que ela se encontra sozinha com a irmã menor em casa.

Durante a entrevista a mãe se queixa que a menina mente e mais uma vez a chama de preguiçosa, se queixando ainda que M.E. conversa muito em sala de aula.

Pode-se então perceber que no desenvolvimento desta criança existe uma lacuna na relação afetiva, comprometendo possivelmente sua protoaprendizagem. Momento este onde é necessário o envolvimento materno e onde as relações vinculares devem se aprofundar. Goulart (1996) diz que o grande Outro surge neste momento para impulsionar o sujeito para a vida, é o que se conhece por catexia com pulsão de vida. Em relação ao complexo de Édipo, etapa esta fundamental para o estabelecimento dos mios reguladores, a criança em questão, transfere sentimentos afetivos que seriam atribuídos ao pai, para o avô materno.

2.4 ENTREVISTA COM O CLIENTE

O primeiro contato com a família do sujeito que frequentará às sessões dará ao profissional uma visão grandiosa da situação do ser que ali se apresenta no consultório.

O sujeito carrega em seu interior angústias e dores que provavelmente ainda não se sabe e que o profissional da psicopedagogia deve saber ser sensível o bastante para perceber. Espera-se então de uma boa anamnese uma entrevista com o cliente centrada no ponto a ser trabalhado, entretanto, não de modo incisivo, assustando e aborrecendo o aprendente. Ao contrário, o ambiente deve ser acolhedor para que o sujeito se sinta o mais confiante possível e para que o *rapport* de confiança se construa.

Em consonância com todos os teóricos aqui citados, Packter (1997) endossa o conceito de que a conexão do paciente e do terapeuta é construída à partir do respeito demonstrado pelo profissional e a aceitação de que cada pessoa enxerga a si mesma de uma determinada forma.

O autor afirma ainda que cada indivíduo se vê de acordo com sua própria verdade, e no ato da entrevista com o cliente o que se deve ouvir são as visões que o próprio sujeito possui de sua realidade e deve-se estar disposto a trabalhar os seus próprios conceitos mediante a fatos e descobertas neste momento tão delicado do processo analítico.

Sendo assim, ao receber pela primeira vez M.E. o contato foi estabelecido de modo a ser criar um *rapport*. Foi apresentada a psicopedagoga que estaria daquela data em diante a atende-la por um prazo limitado.

O contato foi bastante favorável e a aprendente contou sua história pontuando pontos significativos para ela como a estadia no Maranhão afastada da mãe, a vinda para Goiás, quando teve que se apartar dos avós, o nascimento da irmã mais nova e por fim a mesma conta do falecimento do avô, fato este que a marcou profundamente, segundo ela. Chegando até mesmo a chorar ao tocar no assunto.

Mais uma vez é possível perceber que a zona de segurança de M.E. estava intrinsecamente interligada aos avós. Promovendo então uma transformação em sua catexia, tornando então sua pulsão de vida em pulsão de morte. Catexia seria então, o que Visca (1987) traz como a quantidade de energia libidinal, dentro da estrutura

psíquica, pulsão estas que pode ser positiva, ou negativa. O sentimento de abandono gera o que Goulart (1996) chega a mencionar como frustração, se espera que a relação de seguridade não seja quebrada e quando isto acontece há um desequilíbrio nos normalizadores do sujeito, aqueles que impulsionam o desejo do indivíduo positivamente para o saber.

2.5 Entrevista Operativa Centrada Na Aprendizagem (E.O.C.A.)

A Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem, segundo Weiss (2008) é um jogo proposto que irá acrescentar ao diagnóstico dados valiosos iniciais. Contudo, a autora acredita que a seriedade do processo faz com que o resultado analítico não seja rico em informações, por esta razão ela propõem uma aplicação levemente modificada, apresentando a caixa contendo o material a ser usado de forma lúdica, que condiz com a própria personalidade da terapeuta, o que gera então uma proximidade benéfica e uma familiaridade favorável à aplicação do teste.

A E.O.C.A. se apresenta com a seguinte consigna: “Gostaria que você me mostrasse o que sabe fazer, o que lhe ensinaram e o que você aprendeu.”. Esta consigna surge após a apresentação de uma caixa, onde o aprendente encontrará diversos materiais para a produção de sua obra que servirá de análise terapêutica.

M.E. ao chegar para a sessão se mostra ansiosa e bastante animada, entra e fica bastante a vontade a ponto de perguntar se pode retirar os sapatos, neste exato instante, a mesma entrega à terapeuta, ainda que inconscientemente, algo muito valioso para ela, existe ali, um momento de revelação, velado pela ansiedade pelo momento. A aprendente é autorizada a retirar os calçados e a caixa sobre a mesa logo lhe desperta a atenção.

A psicopedagoga apresenta a caixa do teste dá a consigna à menina, M.E. observa a caixa por alguns minutos antes de abri-la de fato, este processo de observação dura alguns minutos e então a mesma questiona se pode se sentar no chão. A autorização lhe é concedida e ela senta-se, descalça e começa a abrir a caixa, assim que visualiza todo o conteúdo exclama: “Nossa, quanta coisa!”; e ela leva mais de cinco minutos observando o conteúdo.

Apresenta dúvida quanto ao material a ser usado mas após se decidir ela termina seu desenho rapidamente.

M.E. produziu um mapa do tesouro, que segundo ela está em uma ilha. O mapa tem marcações e limites bem delimitados, no desenho ela não dá um traço único e apaga muitas vezes, durante a execução a busca pela perfeição é incessante.

Entretanto, a atividade é finalizada e o resultado é analisado. O produto de seu trabalho é algo surpreendentemente elaborado e a aprendente explica que o

tesouro que está nesta ilha é muito valioso, mas apesar de se ter o mapa, a ilha é perdida, fica em um lugar onde ninguém nunca foi. Em um primeiro momento, a aprendente afirma que não procuraria a ilha, mas quando questionada se em determinados momentos ela não gostaria de morar nesta ilha M.E. responde que sente vontade apenas quando a mãe a irrita. Segundo a mesma, a mãe não a compreende.

Percebe-se então existe uma relação conturbada e complicada da aprendente para com a sua progenitora. Ao alegar que a mãe não a compreende, a mesma se coloca na posição de quem se anula, ela procura se expor mas não encontrando espaço, se retrai. Deixando assim perdidos seus pensamentos e ideais. Os traçados imprecisos e repetidos revelam a insegurança da aprendente, assim como a ilha pode representar a própria M.E., perdida e isolada, em um lugar onde não a alcançam ou sequer se interessam, ainda que exista algo valioso.

2.6 PROVAS PROJETIVAS

Segundo Oliveira (2004), a prova do desenho da figura humana traz o significativo que o terapeuta busca no aprendente, são analisadas proporções, traçados, orientação espacial no papel, riqueza de detalhes entre outros aspectos.

Quando foi pedido para M.E. reproduzir o desenho de uma pessoa humana, a aprendente pergunta se é para produzir o desenho de si mesma. A estagiária responde afirmativamente e M.E. inicia seu desenho, contudo a aprendente não finaliza seu trabalho. Apaga tudo o que fez e inicia um novo desenho. Contudo não muda o local do traço, refaz sua obra sobre o antigo traçado apagado.

Desenha então uma figura masculina, localizada, segundo M.E. no “céu”, o desenho mostra também uma enorme mão que a aprendente nomeia como Deus. Ao ser perguntada sobre quem era no desenho, uma vez que ela não se desenhou, a mesmo inicia um choro que leva em média dez minutos, sem cessar.

Após se acalmar, ela explica para a estagiária que o homem é o avô falecido, e que ele está no céu mas que ainda assim ele está a zelar por ela. Explica ainda que tudo que ela entende por “certo e errado” ela aprendeu com o avô e valoriza a figura dele como um pai, ela mesmo afirma que era assim que o chamava.

M.E. pede para realizar mais um desenho e lhe é permitido, mais uma vez ela apaga diversas vezes no mesmo lugar e reproduz uma figura feminina, pequena que está em uma espécie de monte. Ao ser perguntada se era ela, a mesma nega dizendo ser a irmã menor. Ela diz estar preocupada com a menina uma vez que ela está em cima de um monte sozinha, mas logo após esta fala, a aprendiz toma a primeira folha desenhada e afirma que o avô está a tomar conta dela e da irmã.

Conclui-se então que os desenhos são ricos em detalhes, e proporções, são bem situados na folha mas apresentam uma carga emocional e afetiva muito grande. O que vem de encontro ao que Visca (1988) afirma quando diz que ninguém aprende fora do limite do afeto, e que o sujeito epistemofílico, que corresponde à ordem afetiva, desta aprendente está comprometido.

2.7 PROVAS PEDAGÓGICAS

Segundo Oliveira (2004) vem tratar as provas pedagógicas como fonte de informação para saber se o nível do aprendente em processo diagnóstico é coerente ao nível esperado para sua série escolar.

Por esta razão deve –se aplicar provas que possibilitem esta avaliação e que sejam plenas de significância para o terapeuta.

Foi aplicado em M.E. um ditado, uma produção textual e a escrita do nome, também lhe foi pedido a resolução de algumas atividades matemáticas.

Durante o ditado, a aprendente não apresentou dificuldade, permaneceu atenta e errou apenas uma palavra que a mesma escreveu faltando a última sílaba. O resultado do ditado surpreendeu M.E. que disse nunca ter acertado tantas palavras assim.

Em um outro determinado encontro, foi pedido para que a mesma elaborasse um texto onde ela falasse sobre si. M.E. se mostrou disposta e interessada, iniciando de imediato sua produção. Em poucos minutos ela exclamou já ter finalizado e parecia ansiosa para ler. A aprendente não permitiu que a estagiária efetuasse a leitura, fazendo questão de ler e falar de si mesma.

Sendo assim, foi permitido que a leitura acontecesse e enquanto a mesma lia, a estagiária atentamente ouvia cada palavra. O que pode se observar é que M.E. se valorizou bastante, demonstrando uma autoestima que não se viu nos primeiros encontros. É importante ressaltar que na produção da aprendente, diversos familiares surgiram mas a mãe não apareceu no texto. Apresentando mais uma vez uma ruptura no processo de protoaprendizagem.

2.8 PROVAS OPERATÓRIAS

Weiss (2008) vem descrever o passo a passo da aplicação das provas propostas por Piaget (1978), para que sejam avaliadas as conclusões lógicas e relações matemáticas do aprendente. A autora ainda ressalta que não se deve utilizar mais de um teste de conservação em uma mesma sessão.

Para M.E. foi proposto o teste de conservação volumétrica.

Neste teste, são apresentados dois recipientes exatamente iguais, e uma garrafa com líquido colorido. Também são reservados mais outros três recipientes com formas diferentes mas com mesma capacidade volumétrica, um mais alto, uma mais achatado e outro arredondado.

De início apresenta-se aos dois recipientes iguais e deve-se encher os dois com a água colorida. Neste momento M.E. muito atenta observou os dois recipientes iguais e interveio dizendo que se fossemos ingerir a água, beberíamos a mesma quantidade.

Após esta observação, retiro a água de um dos recipientes iguais e despejo no recipiente mais alto, é permitido que a aprendente observe por instantes e logo após a transferência acontece mais algumas vezes. Lembrando sempre que todos os recipientes se equivalem quanto ao volume.

Ao final do experimento, a estagiária pede para que M.E. explique se as duas beberiam a mesma quantidade de líquido ainda que usassem recipientes distintos e diferentes quanto à forma.

A aprendente depois de um tempo de análise afirma positivamente que existe conservação do volume, ainda que a forma do copo não se repita. Sendo assim, M.E. vence sem muita dificuldade a prova de conservação de volume.

Conclui-se assim que ao analisar as provas pedagógicas e a operatória a aluna não apresenta déficit aparente no que diz respeito à aprendizagem sistemática, mantendo-a na fase das operações concretas, em processo de transição para fase das operações formais, Piaget (1978). A aprendente possui noção de conservação e já se sente impelida à criação hipotética.

2.9 SESSÃO LÚDICA CENTRADA NA APRENDIZAGEM

A sessão lúdica segundo Waiss (2008) funciona devido ao jogo ser parte inerente do cotidiano humano, a escolha e avaliação do material a ser utilizado deve seguir um padrão para que seja possível perceber se o mesmo se adequa à faixa etária do aprendente que passará por aquele teste.

A consigna oferecida é: “Aqui está uma caixa, repleta de diversos objetos, você pode usar tudo o que quiser.”. A caixa oferecida era de plástico, e continha produtos de beleza, tais como sombras, blush, rímel, delineador, esmaltes, anéis, pulseiras, brincos e tiaras para o cabelo.

Ao abrir a caixa, M.E. ficou eufórica, retirou tudo de dentro e admirou silenciosamente por instantes, logo depois perguntou se poderia utilizar os produtos ali presentes. A terapeuta responde positivamente e ela começa a selecionar as cores que combinam. Escolheu uma tiara e colocou no cabelo de modo que seu rosto ficasse bem visível.

Com muito capricho e cuidado ela se maquiou e pouco se importou com os acessórios. Ao finalizar sua própria maquiagem ela pergunta se poderia maquiar a terapeuta, a mesma permite entrando no jogo proposto por M.E..

A aprendente permite que a terapeuta escolha a cor da sombra mas quando ela escolhe M.E. interrompe dizendo que a cor não iria ficar bem. Após a intervenção, a própria menina decide a cor que a psicopedagoga usará e com muita habilidade e precisão passa a sombra e o delineador nos olhos da terapeuta.

Após finalizar, M.E. é questionada sobre a situação, e a mesma diz que ela não pode demorar na preparação da terapeuta uma vez que está cheia de pessoas para atender. Entende-se então que ali está instaurado um jogo, um faz de conta que revelará a natureza subserviente imposta à aprendente. A mesma chama atenção para que uma criança imaginária não interrompa o seu trabalho. E fala zangada para que essa criança, do significante produzido por ela, vá para perto da mãe e pede desculpas para terapeuta-cliente que espera ainda por um batom.

A terapeuta pergunta então à maquiadora aprendente onde está a mãe desta criança, neste momento a mesma responde que ela é uma cliente difícil e muito exigente. A psicopedagoga questiona se a cliente que ela chama de exigente é frequentadora assídua do espaço de beleza de M.E. e se ela sempre leva a criança

quando vai. A aprendente suspira profundamente e confirmando com a cabeça diz que a “cliente” não é má pessoa mas que precisa aprender a olhar a criança dela.

Quando M.E. finalmente termina, a psicopedagoga se observa e elogia o trabalho executado uma vez que ficou bem feito. A mesma também intervém dizendo que a aprendente é talentosa, esforçada e tem um ótimo gosto para harmonização de cores.

Dentro deste universo psicodramático, a presença da criança e da cliente revelam o papel da mãe e da irmã no desenvolver epistêmico de M.E. Ela se sente coagida e não consegue finalizar seu trabalho.

Fernandez (2001) afirma que o processo é impar uma vez que cada sujeito vive e dramatiza situações e fatos de modo distinto.

A terapeuta intervém dizendo que ainda que exista a criança menor, é possível que ela faça algo bem feito e que possui muito talento. Quanto a cliente que foi considerada chata a terapeuta interveio dizendo que com o tempo, a cliente aprenderia a lidar com as normas do estabelecimento.

3 INFORME PSICOPEDAGÓGICO

M.E., nascida em 17 de agosto de 2002, cursando atualmente o sétimo ano da segunda fase do Ensino Fundamental, estudante de uma escola da rede particular de Anápolis, se transferiu durante o processo avaliativo mas não interrompeu suas atividades diagnósticas.

Foi encaminhada inicialmente pela escola onde estudava, e onde permaneceu matriculada durante a maior parte da avaliação psicopedagógica, devido a queixas de desatenção, tarefas incompletas e oscilação de médias, durante a avaliação da anamnese a queixa levantada pela mãe foi preguiça e mentiras.

O processo diagnóstico se estendeu do dia 20 de novembro de 2013 até a data de 13 de junho de 2014 e foram realizadas 10 sessões com a aprendente, com duração de uma hora cada.

Como instrumento de coleta de dados, este estudo usou entrevistas, testes operatórios, projetivos e pedagógicos. Além de contar com a orientação de uma Especialista na área.

Mediante análise de todo processo diagnóstico, desenha-se então que o aspecto emocional, afetivo de M.E. está profundamente comprometido, uma vez que atribui ainda, um papel paternal ao avô falecido.

O sujeito epistemofílico surge então profundamente afetado, já que o grande Outro da aprendente não é a mãe. A interrupção da relação com o avô levanta também a questão mal resolvida do Édipo da mesma, assim como informa Goulart (2008). Este aspecto compromete então a catexia, que se converte em energia libidinal de morte.

Em relação aos aspectos culturais e sociais, a aprendente fica deficiente uma vez que se desenvolve sozinha quanto a sua deteuroaprendizagem. As atividades são preparadas e solucionadas por ela mesma, sem contar com o auxílio de nenhuma outra referência. E se dividindo entre tarefas escolares e a irmã pequena que precisa tomar conta. Sua escrita é boa mas segundo depoimento da professora de Língua Portuguesa a aprendente esquece algumas palavras ou às vezes não chega no final delas. Quanto ao seu raciocínio lógico os professores não fizeram nenhum apontamento específico.

O sujeito epistêmico, da ordem cognitiva apresenta então o comprometimento reflexo das deficiências afetivas e familiares, não apresentando de fato algum déficit

mas sim como uma culminância de fatores internos que movem o desejo que Fernandez (1991) denomina de desejo de aprendizagem, uma vez que corpo, organismo e desejo são o tripé que sustentam a aquisição de saber.

M.E. pode ser então considerada uma criança hiperassimilativa e hipoacomodativa, ou seja, a aprendente não cria meios, repete apenas o que lhe é ensinado, mandado. Copia modelos e segue ordens, não absorve o gosto de buscar novos meios ou métodos para execução de atividades, extremamente obediente. Enquanto que por outro lado, a hipoacomodação traz o aspecto de que a criança não consegue facilmente internalizar imagens e saberes, aprende agora e logo após algum tempo esquece. Algo lhe é solicitado e logo após um período não se lembra mais o que é.

Por esta razão determina-se que a aprendente sente-se aprisionada, perdendo assim, como Fernandez (1991) poderia dizer, sua capacidade de desejar o saber, como se algo faltasse neste sabor. Este sintoma quando se multiplica gera o que se chama de inibição cognitiva.

4 ENCAMINHAMENTO

De modo geral, o que foi levantado após a coleta de todos os dados obtidos durante o diagnóstico psicopedagógico, permitiu que a queixa manifesta se desmembrasse e aos poucos se revelassem como latentes.

Portanto, como já dito anteriormente, o fator problemático de M.E. são de ordem afetiva, ela apresenta uma ruptura e uma inversão em sua protoaprendizagem, momento conhecido por ser o primeiro vínculo a ser estruturado e fortalecido ainda no início da infância. O que a afeta no momento de desenvolvimento de sua aprendizagem sistemática. Por esta razão fica aqui sugerido para M.E.:

- Intervenção continuada de um profissional psicopedagogo, que estimule a aprendente com jogos terapêuticos e estratégicos, com o objetivo de instigar a curiosidade e a capacidade de planejamento e de construção individual do saber.
- A construção de uma nova rotina diária. Isto porque M.E. precisa de uma nova ordem para que ela então passe a fazer as tarefas e ter um horário de estudo que independa da condição de cuidar da irmã mais nova. Esta simples transformação trará a ela maior qualidade no momento de estudo e a favorecerá por manter outros membros familiares por perto, caso a mesma necessite de ajuda durante a execução das tarefas.
- É favorável ao crescimento não só da aprendente, mas também para todos os componentes familiares, um acompanhamento psicoterapêutico. Isto porque existem papéis a serem redefinidos dentro no nicho familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a conclusão deste trabalho, foi possível mensurar o quão comprometidos estão as estruturas internas e o aprendizado. Não existe saber que não se aprenda pelo desejo.

A construção do conhecimento vai além do ser cognitivo,, da mente, este conhecimento também deve ser absorvido pelo ser orgânico como menciona Fernandez (1991), ainda segundo a autora, o processo de aprendizagem passa por todos os aspectos do sujeito.

Conclui-se aqui então que o sujeito Epistêmico de Piaget (1978) não pode ser desvinculado do ser afetivo e cultural. O desejo nasce da falta, da ânsia de aprender o que vem do outro.

A criação de mitos, a significação, as relações humanas mais básicas como mãe e bebê, tudo isso funciona como um ponto de partida para o desenvolvimento do ser cognoscente.

Em suma, aprender não é algo simples, mas sim um mecanismo complexo, que depende do organismo, corpo, inteligência. Corpo e organismo apesar de encarados separadamente, precisam ser vistos como um conjunto consonante onde as condições sejam favoráveis.

O corpo que coordena as ações, que relaciona aspectos também é local de afetos e a morada do ego, nem sempre o que afeta o aprender são de fato déficits patológicos. O fator afetivo, da ordem emocional, compromete a relação do sujeito com o mundo, uma vez que o afeto está intrinsecamente relacionado com o desejo, como afirma Fernandez (1991).

Por esta razão este trabalho serve para que não haja dúvidas quanto ao valor e relevância do substrato biológico, que vai da gestação do bebê até o primeiro contato com a sociedade e com o saber sistematizado.

REFERÊNCIAS

BOSSA, Nádia Aparecida. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** Porto Alegre: Artes médicas Sul, 1994.

FERNANDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada – abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERNANDEZ, Alícia. **Psicopedagogia em psicodrama- Morando no brincar.** 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GOULART, Janete Teresinha de Aquino. **Aprendizagem e não-aprendizagem: duas faces de um mesmo processo?** Ijuí: UNIJUÍ, 1996.

KHAN, Salman. **Um mundo, uma escola.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Avaliação Psicomotora à luz da psicopedagogia e da psicologia.** Petrópolis: Vozes, 2004.

PACKTER, Lúcio. **Filosofia clínica – propedêutica.** Porto Alegre: Garapuvu, 1997.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética: Sabedoria e ilusões da filosofia; problemas de psicologia genética.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica – Epistemologia Convergente.** Porto Alegre: Artes médicas Sul, 1987.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas.** 2. ed. Brasília: Liber livro, 2009.

WEISS, Mária Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

ANEXO A – DECLARAÇÃO**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E
INSTITUCIONAL****DECLARAÇÃO**

Declaro para os devidos fins que _____

é aluno(a) do Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Católica de Anápolis e atendendo ao que dispõe a Lei 9.394/96 (LDB) o(a) mesmo(a) estará realizando Estágio Supervisionado, totalizando carga horária de 100 horas.

Anápolis, ____ de _____ de 2013.

ANEXO B – ENCAMINHAMENTO



**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
E INSTITUCIONAL**

Estágio Supervisionado em Psicopedagogia Clínica

ENCAMINHAMENTO

Encaminhado o(a) aluno(a) _____ nascido(a) em
____/____/_____, regularmente matriculado(a) no ____ Ano, estando em processo de
Avaliação Psicopedagógica e necessita de:

Hipótese Diagnóstica:

Observações:

Anápolis, ____ de _____ de 2013.

Ana Maria Vieira de Souza
Psicopedagoga - Supervisora de
Estágio Clínico Psicopedagogia

Aluno Estagiário
Pós-Graduação em Psicopedagogia

ANEXO C – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO



**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Profissional: Ana Maria Vieira de Souza - Pedagoga / Psicóloga / Psicopedagoga

Estagiária: _____

Eu, _____ aceito participar do **Processo de Atendimento Psicopedagógico**, cujo objetivo central é o de atender o participante, oferecendo acompanhamento psicopedagógico e intervenção psicopedagógica.

Estou ciente de que terei atendimento psicopedagógico durante as sessões, submetendo-me a atividades de teste, entrevistas e observação por parte do estagiário de Psicopedagogia. Reconheço que tenho o direito de fazer perguntas que julgar necessárias. Entendo que minha participação é voluntária e que poderei me retirar do processo a qualquer momento.

Os profissionais se comprometem a manter em confidência toda e qualquer informação que possa me identificar individualmente quando da apresentação de resultados deste trabalho às pessoas interessadas.

Anápolis, ____ de _____ de 2013.

Assinatura do participante

Assinatura do profissional responsável

Assinatura do aluno responsável

ANEXO D – CONTROLE DE FREQUÊNCIA

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
E INSTITUCIONAL



Estágio Supervisionado em Psicopedagogia Clínica

DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA: 2013/2014

Data	Atividades Desenvolvidas	N.º de horas
30/11/2013 à 29/01/2014	Aula Teórica do Estágio Supervisionado (Diagnóstico e Intervenção na Clínica)	30hs
14/02/2014 à 09/05/2014	Aplicação das entrevistas com a escola, a família e o aluno; Observação do aluno no contexto escolar quanto à socialização e relação aluno-professor e aluno-colegas de turma; Aplicação dos testes psicopedagógicos e sessões lúdicas e/ou outros procedimentos inerentes à avaliação psicopedagógica.	26hs 40m
16/05/2012 à 29/05/2012	Elaboração do relatório psicopedagógico	9hs
15/03/2014 12/04/2014 07/06/2014	Acompanhamento e orientação do estágio, supervisões	10hs 20m
16/05/2014 à 13/06/2012	Realização do Relatório Final e Pasta do Estágio	18hs
11/2013 06/2014	Estudos com leituras e pesquisas	6hs
	Total de horas	100h

ANEXO D – CONTROLE DE FREQUÊNCIA



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
E INSTITUCIONAL

Estágio Supervisionado em Psicopedagogia Clínica

CONTROLE DE FREQUÊNCIA DA ESTAGIÁRIA NAS ATIVIDADES DE CAMPO

1. IDENTIFICAÇÃO

Campo de estágio:

Professora Supervisora: Ana Maria Vieira de Souza

Profissional de campo (Diretora): Davianne Leandro de Queiroz

Estagiária: Davianne Leandro de Queiroz

2. FREQUÊNCIA DA ESTAGIÁRIA NAS ATIVIDADES DE CAMPO

Data	Atividades Desenvolvidas	Carga horária	Assinatura
	TOTAL DE HORAS		

ANEXO E – TERMO DE COMPROMISSO DO ESTAGIÁRIO**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL****TERMO DE COMPROMISSO DO ESTAGIÁRIO**

Eu, _____
aluno(a) de Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Católica de Anápolis Turma ___ Anápolis-Goiás, assumo compromisso da realização em Estágio Supervisionado junto a Faculdade Católica de Anápolis, ao cumprimento que dispõe a Lei 9.394/96 (LDB) totalizando a carga horária de 100 horas, no período de ___/___ de 2013 a ___/___ de 2014 (descontando-se o período de férias / dezembro). Ciente de tratar-se de Prática Curricular obrigatória como garantia à certificação, e que o não cumprimento do mencionado estágio no prazo estabelecido implicará em minha reprovação.

Anápolis, ___ de _____ de 2013.

Assinatura _____

C.P.F. _____

R.G. _____

ANEXO F - ANAMNESE
ANAMNESE

A – IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Sexo: _____ Data do nascimento: _____ Local: _____

Endereço: _____

Telefone: _____ celular: pai _____ mãe: _____

Escola: _____

Série: _____ Turma: _____ Turno: _____

B – CONSTELAÇÃO FAMILIAR

Pai: _____

Idade: _____ Profissão: _____ Escolaridade: _____

Local de trabalho: _____

Se mora separado da família, endereço: _____

_____ telefone: _____

Mãe: _____

Idade: _____ Profissão: _____ Escolaridade: _____

Local de trabalho: _____

Se mora separada da família, endereço: _____

_____ telefone: _____

B.1. Responsável

Nome: _____

Grau de parentesco: _____ idade: _____

Profissão: _____ Escolaridade: _____

B.2. Irmãos (citar idade, sexo, escolaridade)

B.3. Parentesco

Há parentesco entre os pais? _____ Qual o grau? _____

Pais são: () casados () separados

Pai ausente () motivo _____

Mãe ausente () motivo _____

Pais adotivos () Que idade tinha a criança quando assumiram a guarda? _____

Qual (ais) o(s) motivo(s) que levaram a adotar uma criança? _____

A condição de filho(a) adotado(a) é sabida pela criança? () sim () não

(sim) Desde quando tomou conhecimento? _____

Qual foi a reação? _____

Se não, qual (ais) o(s) motivo(s) que impede(m) de tomar conhecimento?

C – CONDIÇÕES DE GESTAÇÃO (especificar época dos itens assimilados)

Gravidez planejada sim () não () _____

C.1. Houve:

queda sim () não () _____

ameaça de aborto sim () não () _____

alguma doença sim () não () _____

uso de medicamentos sim () não () _____

raio X sim () não () _____

C.2. Evolução da gravidez:

Visitas periódicas (mensais) ao médico (pré-natal) sim () não ()

Fez ultra-sonografia? sim () não () Por quê? _____

Adquiriu muitos quilos? sim () não () Quantos? _____

Fumava? sim () não () Quantos cigarros? _____

Bebida alcoólica? sim () não () Quantos copos? _____

O bebê mexia muito? sim () Quando? _____

Como? _____

não () Por quê? _____

D – CONDIÇÕES DO PARTO

() Prematuro; () Com os nove meses completos; () Bolsa estourou em casa.

Nasceu em casa. () Quem fez? _____

Ao nascer, a criança chorou logo? sim () não () Por quê? _____

No hospital. ()

Parto: normal (), cesariana (), demorado (), rápido (), forçado (), com fórceps ().

Ao nascer, a criança chorou logo? sim () não () Por quê? _____

E – CONDIÇÕES DO NASCIMENTO

Chorou: sim () não ().

Cianose (pele azulada/roxa): sim () não ().

Icterícia: sim () não ().

Convulsão: sim () não ().

Outras dificuldades ocorridas ao nascer: _____

F – ALIMENTAÇÃO

Depois de quantas horas de nascido chegou para mamar a primeira vez? _____ horas.

Dificuldades para sugar o bico do seio? sim () não ()

Rejeição ao bico? sim () não ()

Rejeição ao leite? sim () não ()

Sugou muito forte? sim () não ()

Sugou com dificuldade? sim () não ()

Adormecia ao seio? sim () não ()

Às vezes não mamava, fazia do bico do seio como se fosse chupeta? sim () não ()

Mamava com exagero? sim () não ()

Mamava de madrugada? sim () não () Até _____ meses.

Fazia vômitos? sim () não ()

Prisão de ventre? sim () não () Muita? sim () não ()

Mamou durante quanto tempo? _____

Quando começou a comer comidas pastosas? _____ E sucos? _____

Quando começou a comer comida de sal? _____

Que tipo de comida? _____ Era inteira. () Era amassada. ()

Qual foi a reação ao receber este novo tipo de alimento? _____

E a da mãe, ao ver a criança aceitando outro alimento que não fosse o leite do seio?

Caso não tenha amamentado (a) no seio, por quê?

O que tentou fazer até chegar, realmente, a dar o alimento através de mamadeira?

Aconselhada por quem? _____

G – DESENVOLVIMENTO (REPONDER EM MESES OU IDADE-ANOS)

Comportamento: muito quieto () agitado () choro frequente () calmo ()

Firmou a cabeça com ____ meses. Engatinhou aos ____ meses.

O 1º dentinho com ____ meses. Babou até ____ meses.

Regurgitava? _____ Quando? _____

Sentou-se aos ____ meses. Andou aos ____ meses.

Falou aos ____ meses. Controle das fezes aos _____.

Controle da urina durante o dia aos _____.

Controle da urina à noite aos _____.

Mão que começou a usar com mais frequência: direita () esquerda ()

Possíveis (primeiras) palavras (lembradas): _____

Deficiência na fala: sim () não ()

Quais? _____

Convulsões, com febre: sim () não ()

Quantas, quando e por quê? O que foi descoberto? _____

Convulsões, sem febre: sim () não ()

Quantas, quando e por quê? O que foi descoberto? _____

Doenças? Quais? _____

Internações? sim () não ()

Quantas, quando e por quê? O que foi descoberto? _____

Além da mãe, outras pessoas cuidaram da criança? Quem? Quando? Por quê?

H - SONO

Tranquilo (), agitado (), difícil (), com interrupções (), mexe muito (), resmunga (), range os dentes (), fala (), grita (), conversa (), chora (), ri ().

Sonambulismo: sim () não (). Tem pesadelos: constantes () pouco ().

Dorme no quarto com os pais: sim () não ().

Precisa de companhia até pegar no sono: sim () não ().

Levanta-se à noite e passa para a cama dos pais ou irmãos: sim () não ().

Tem companhia (irmãos ou babá) que dorme no mesmo quarto: sim () não ().

I – MANIPULAÇÕES

Usou chupeta: sim () não (). Tempo: _____

Chupou ou chupa o dedo: sim () não (). Tempo: _____

Roeu ou rói unhas: sim () não (). Quando: _____

Arranca cabelos: sim () não (). Quando: _____

Morde os lábios: sim () não (). Quando: _____

Pisca o(s) olho(s) (num gesto de tique): sim () não (). Quando: _____

Quais atitudes tomadas diante de cada ou de todos esses hábitos comportamentais?

J- SEXUALIDADE

A curiosidade foi despertada? () Com que idade? _____

Masturbação: sim () não () Com que idade? _____

Local: quarto (), banheiro (), qualquer local: _____

Quando percebeu este comportamento? _____

Já envolveu em jogos sexuais? sim () não (), sozinha (), com outras crianças ().

Quando? (Descreva a situação). _____

L- SOCIABILIDADE

Quando bebê, ia facilmente com outras pessoas? sim () não ()

Prefere(ria) brincar sozinho? sim () não ()

Com frequência larga(va) os seus brinquedos para brincar com os dos outros?

sim () não ()

Socializa(va) os seus brinquedos? sim () não ()

Aceita(va) outras crianças brincando com seus brinquedos? sim () não () Mesmo

brincando com os brinquedos do outro? _____

Recebe(ia) com frequência a visita de amigos? sim () não ()

Visita(va) com frequência a casa de amigos? sim () não ()

Aceitava que outras crianças assentassem no colo de pessoas próximas como: mãe, pai,

avó, babá? sim () não ()

Adaptava-se facilmente a outros lugares e com outras crianças? sim () não ()

Faz amigos facilmente? sim () não ()

Tem amigos? sim () não ()

Conserva as amizades? sim () não ()

I.1. Atualmente como se dá a socialização dele(a) na escola, na família e em outros ambientes? Gosta de sair, ir ao shopping, em festas, clubes, enfim de conviver com outras pessoas e outros ambientes? _____

I.2. Descreva um dia (de segunda a sábado, quando os adultos estão trabalhando) de seu (sua) filho(a): (continue sendo fiel às informações)

I.3. Descreva um dia de seu (sua) filho (a) com um colega: _____

I.4. Descreva um domingo de seu (sua) filho (a): _____

M – RELAÇÕES AFETIVAS

M.1. Descreva quando ocorre e torna-se incômodo

Choro: _____

Mentiras: _____

Fantasia: _____

Emoções: _____

M.2. Quando ocorrem demonstrações de

Carinho – Com quem? _____

Piedade – De quem? _____

Raiva/ódio – De quem? _____

Ciúmes – De quem? _____

Inveja – De quem? _____

Amizade – Com quem? _____

M.3. Prefere amigos: mais velhos (), mais novos (), mesma idade ().

Como são as brincadeiras e as relações afetivas com os amigos
 (alegria, tranquilidade, solidariedade, indiferença, imposição e outros...)

Mais velhos: _____

Mais novos: _____

Mesma idade: _____

M.4. E quanto aos animais, possui algum? Qual? Como é? _____

N – ESCOLARIDADE

Frequentou creche? sim () não () Frequentou maternal? sim () não ()

Frequentou Pré-escola? sim () não () Mudou de escola? sim () não ()

Vai bem na escola? sim () não () Gosta da escola? sim () não () às vezes ()

Recebe ajuda para fazer as tarefas? sim () não ()

Os pais ou outra pessoa estuda com a criança ou adolescente? sim () não ()

Quem? _____

Procura estar em destaque na sala de aula? não () sim ()

Quando? _____

Gosta do (a) professor(a)? sim () Por quê? _____

Não () Por quê? _____

N.1. Se for o primeiro ano neste colégio, procure resumir como foi a primeira semana:

N.2. No momento como ele(a) se encontra na escola, em relação

Ao colégio: _____

Aos colegas: _____

Aos professores: _____

Às matérias: _____

A si mesmo: _____

N.3. No momento como ele(a) se encontra na família, em relação

Ao pai: _____

À mãe: _____

Aos irmãos: _____

O – DOS ADJETIVOS ABAIXO, QUAIS OS QUE APLICAM MELHOR EM SEU (SUA) FILHO (A)?

Atento ()	Lento ()	Persistente ()	Criativo ()
Observador ()	Cruel ()	Crítico ()	Agressivo ()
Descuidado ()	Sociável ()	Curioso ()	Mimado ()
Cauteloso ()	Sensível ()	Desinteressado ()	Inseguro ()
Cuidadoso ()	Rápido ()	Inquieto ()	Carinhoso ()
Impetuoso ()	Ativo ()	Introspectivo ()	Chorão ()
Indiferente ()	Participativo ()	Teimoso ()	Independente ()
Preocupado ()	Interessado ()	Submisso ()	Dissimulado ()
Asseado ()	Esperto ()	Mandão ()	Organizado ()

Data: ____/____/____

ANEXO G – E.O.C.A.

ANEXO H – DESENHO DA PESSOA HUMANA

ANEXO I – PROVAS PEDAGÓGICAS - AVALIAÇÃO MATEMÁTICA

ANEXO J – PROVA PEDAGÓGICA – AVALIAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA

ANEXO J – PROVA PEDAGÓGICA – PRODUÇÃO TEXTUAL

ANEXO K – INFORME PEDAGÓGICO